

Luís de França

Os jovens portugueses perante a religião: caracterização global

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) realizou, em Março-Abril de 1983, um inquérito à juventude portuguesa. O universo desse estudo foi constituído pelos jovens dos 15 aos 24 anos, residentes em Portugal continental e habitando localidades de mais de 100 habitantes.

O objectivo principal desta investigação é o de determinar os valores e as atitudes dos jovens da presente geração. Foram delimitadas, à partida, cinco áreas temáticas — *a família, a sexualidade, a inserção social, a escola e as representações sociais*. Cobrindo estas cinco áreas de estudo, o questionário compreendia 71 perguntas, para além de perguntas relativas à caracterização demográfica e sociográfica dos inquiridos.

Um dos dados de caracterização do jovem foi aquele que permitiu situá-lo em relação à religião em geral. O cruzamento das respostas a essa pergunta com os outros dados de caracterização global vai ser apresentado neste texto. Outros estudos, também aqui publicados, terão em conta, se não todas, pelo menos algumas das cinco áreas previamente retidas pelos investigadores, que desde o início acompanham este projecto do «Inquérito IED à Juventude».

Assim, e para além dos dados relativos às atitudes perante a religião, ter-se-á a preocupação de divulgar, neste texto, o conjunto de dados apurados na caracterização global da juventude portuguesa de 1983 e segundo o referido inquérito.

Antes de referir a tipologia adoptada e de iniciarmos a descrição desses dados faremos uma referência à metodologia adoptada.

METODOLOGIA

Constituída a equipa de investigadores no IED em finais de 1981, iniciou-se a elaboração dum pré-inquérito. O pré-inquérito foi realizado em duas fases. Uma primeira fase assentou na reflexão de um grupo de especialistas com diferentes formações e permitiu a determinação das grandes áreas temáticas a estudar, bem como o levantamento de um número vasto de questões a pesquisar dentro de cada uma das áreas.

A segunda fase incluiu a realização de entrevistas em profundidade e discussões de grupo com jovens dos dois sexos, de diferentes regiões do País e com diferentes inserções: escolar, profissional e social. A análise de conteúdo do material assim recolhido permitiu a elaboração de um primeiro projecto de questionário.

Uma vez estruturado o questionário, ele foi sujeito a um teste junto de 50 jovens, 20 da zona da Grande Lisboa e 30 de zonas rurais do distrito de Santarém. O tratamento univariado dos resultados do teste do questionário permitiu melhorar a forma de algumas questões e assegurar a adequação das temáticas questionadas e da linguagem utilizada ao universo do estudo.

Os dados foram recolhidos mediante recurso a entrevistas pessoais e directas, tendo por base um questionário estruturado. Um total de 55 entrevistadores, previamente treinados, procederam à recolha de dados, tendo sido inspeccionadas cerca de 20% das entrevistas realizadas por cada entrevistador.

A amostra deste estudo compreendeu 1095 entrevistas úteis (registando-se a perda de 5 entrevistas em relação à amostra proposta — 1100).

Com esta dimensão garante-se, para um nível de confiança de 95%, uma margem de erro de $\pm 10\%$ ao nível da variável região (sendo de 7,1% ao nível das regiões de Lisboa e Porto) e uma margem de erro de $\pm 3,0\%$ ao nível do total.

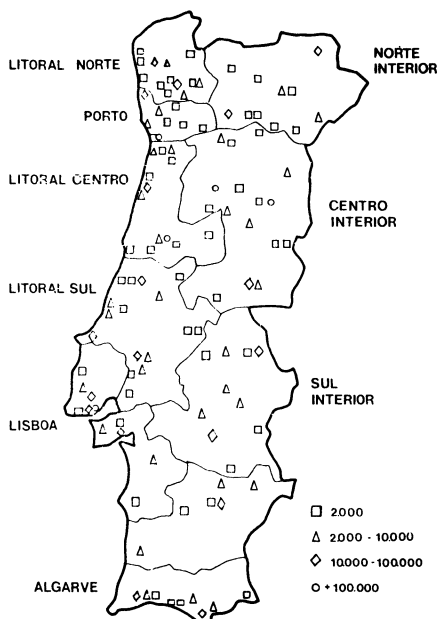
Utilizou-se um método de amostragem aleatória, estratificada e não proporcional. A não proporcionalidade da amostra, visando otimizar a recolha de informação em certas áreas, sem distorcer a sua representatividade e garantindo um nível de confiança aceitável, foi corrigida na fase de tabulação dos dados, através de um programa adequado de ponderações.

A selecção da amostra foi aleatória e feita em quatro etapas consecutivas:

- 1.^a ETAPA — *Seleção dos pontos de amostragem*. Com base numa listagem de localidades agrupadas segundo a sua dimensão, extraíram-se, por intervalo sistemático e com arranque aleatório, os 128 pontos de amostragem ou localidades onde as entrevistas foram realizadas (mapa 1);
- 2.^a ETAPA — *Seleção dos pontos de partida*. Em cada localidade ou zona das grandes cidades estabeleceram-se os pontos de partida, ou locais onde os entrevistadores iniciaram o seu processo de selecção do agregado familiar. O «ponto de partida» foi escolhido com base numa tabela aleatória de correspondência aos números de portas ou de instituições públicas;
- 3.^a ETAPA — *Seleção dos agregados familiares*. A selecção do jovem foi feita com base na família, sendo os agregados familiares seleccionados pelo sistema aleatório *random route* e de *kish*, cuja 1.^a fase é a determinação do prédio, a 2.^a a determinação do andar e a 3.^a a determinação do agregado;
- 4.^a ETAPA — *Seleção do indivíduo*. Após a identificação do agregado familiar e da recolha de dados de identificação e composição, o indivíduo foi seleccionado aleatoriamente, cruzando o número de indivíduos no lar com 15 a 24 anos com o último número do questionário. A entrevista foi feita ao indivíduo seleccionado deste modo e só após 1 ou 2 visitas posteriores foi aquele substituído por um indivíduo do mesmo sexo, grupo etário, estrato socioeconómico e tipo de actividade. Sempre que o indivíduo se encontrava fora do seu agregado de origem e não tinha constituído agregado próprio, considerava-se como pertencendo ao agregado familiar seleccionado e a entrevista era remetida para o local onde o indivíduo seleccionado residia.

Distribuição dos pontos de amostragem

[MAPA 1]



A distribuição das 1095 entrevistas pelas nove regiões e pelos estratos habitacionais foi não proporcional e realizada de modo a otimizar a recolha de informações, sem distorcer a sua representatividade e margem de confiança. Na fase de tratamento de dados foi devolvida a proporcionalidade à amostra e feita a sua extrapolação para o número, de modo que cada indivíduo adquirisse o mesmo peso que tem no universo. O trabalho de campo processou-se entre 18 de Março e 11 de Abril de 1983¹.

TIPOLOGIA DA POSIÇÃO DO JOVEM PERANTE A RELIGIÃO

Durante a caracterização, e após responder a questões sobre a sua situação escolar e profissional, a sua inserção familiar e a exposição aos meios de comunicação social, o entrevistado era questionado sobre a sua posição perante a religião e nos seguintes termos: «*Considera-se católico, protestante, ateu ou tem outra posição perante a religião?*»; aos que responderam «católico» ou «protestante» era-lhes feita a pergunta adicional: «*Nos últimos 15 dias assistiu a algum acto de culto da sua religião?*»

No apuramento do inquérito, as respostas a estas duas questões permitiram definir quatro tipos de atitude ou posição perante a religião por parte

¹ As operações de construção da amostra e condução do trabalho de campo couberam à TEOR, SARL.

dos jovens portugueses do continente com 15 a 24 anos de idade, e que, doravante, se definem e representam do seguinte modo:

Católicos praticantes (cat. prat.) — Todos os indivíduos que se definiram como católicos e assistiram a algum acto de culto nos últimos 15 dias.

Católicos não praticantes (cat. n. prat.) — Todos os indivíduos que se definiram como católicos e não assistiram a qualquer acto de culto nos últimos 15 dias.

Total de católicos (total cat.) — É sempre a soma dos dois tipos anteriores.

Ateus — Não se reconhece em qualquer atitude religiosa.

Outra posição (outra) — Compreende os que responderam «protestante»; não sabe, não responde; e os que responderam ter outra posição perante a religião.

O 1 600 000 jovens compreendidos por aquele escalão etário distribuem-se proporcionalmente, na posição perante a religião, do seguinte modo:

Católicos praticantes	28,8%
Católicos não praticantes.....	47,7%
Ateus.....	12,8%
Outra posição	10,6%

Cerca de 76% dos jovens do continente assumem-se como católicos, mas dizem-se praticantes menos de 30%. Ainda que esta designação seja de difícil conceptualização sociológica, é a que tem sido correntemente utilizada noutros inquéritos. O valor encontrado está próximo dos resultados obtidos nesses inquéritos feitos ao comportamento religioso da população portuguesa. Nos que responderam ter outra posição perante a religião devem entender-se aqueles que de nenhum modo se identificam com o catolicismo, ou que, rejeitando-o, não se assumem, no entanto, como ateus convictos. Os 10,6% apurados neste tipo incluem: protestante, 0,9%; não sabe/não responde, 3%; outra posição, 6,7%.

Os ateus, cerca de 13%, apresentam um índice mais elevado do que qualquer outro grupo de jovens europeus (CEE).

Ainda em termos muito genéricos, pode-se estimar que os jovens que se assumem como católicos são cerca de 1 200 000. Todavia, os católicos praticantes, 480 000, serão pouco mais do dobro dos que se dizem ateus, 215 000, e pouco mais de 100 000 os que têm outra posição. Ainda nesta estimativa, os protestantes seriam 15 000.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Para efeitos de estratificação da amostra foram criadas regiões homogéneas, respeitando os limites dos distritos, a fim de se poderem utilizar como ponto de referência os dados do Instituto Nacional de Estatística (mapa 2).

A região *interior norte e centro* compreende os dois distritos transmontanos, assim como os distritos da Beira interior — Viseu, Guarda e Castelo Branco. Aí vivem 14,6% dos jovens portugueses actuais.

Neste inquérito designou-se como *litoral* o conjunto dos distritos minhotos, o litoral centro com Aveiro e Coimbra e o litoral sul com Leiria e Ribatejo. Nesses seis distritos vivem 32,5% dos jovens.

Mas só no distrito do Porto, aqui designado por *Grande Porto*, vivem quase 20% dos jovens, enquanto na *Grande Lisboa*, que engloba os distritos de Lisboa e Setúbal, vivem mais de 1/4 do total dos jovens considerados.

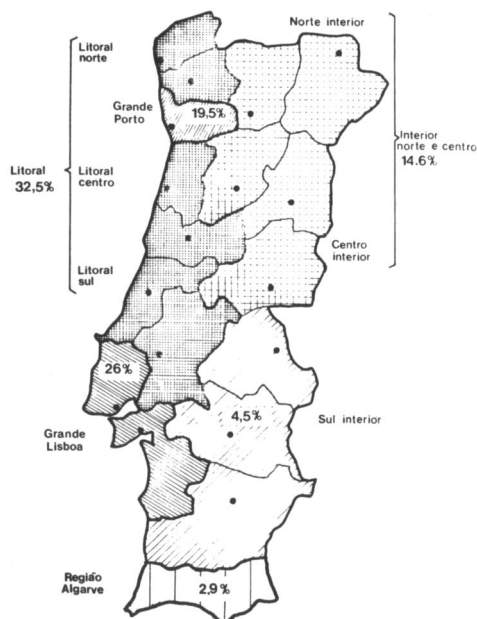
O *Sul interior* agrupa os três distritos alentejanos, onde só vivem 4,5%.

Finalmente, a região *Algarve*, que compreende somente o distrito de Faro, não reteve mais do que 2,9% de jovens dos 15 aos 24 anos.

Para falar de outra maneira, diremos que, se na zona da Grande Lisboa vivem, estudam e trabalham mais de 400 000 jovens, no Algarve, os jovens aí residentes dificilmente ultrapassam os 45 000.

Distribuição geográfica dos jovens de 15 a 24 anos

[MAPA 2]



Apresentada a distribuição global dos jovens nas várias regiões consideradas, verificamos que a sua distribuição geográfica, quando se considera a variável religião, revela consideráveis assimetrias.

A distribuição geográfica do total de cada subconjunto (tipos) nas várias regiões da amostra é a que se indica no quadro n.º 1.

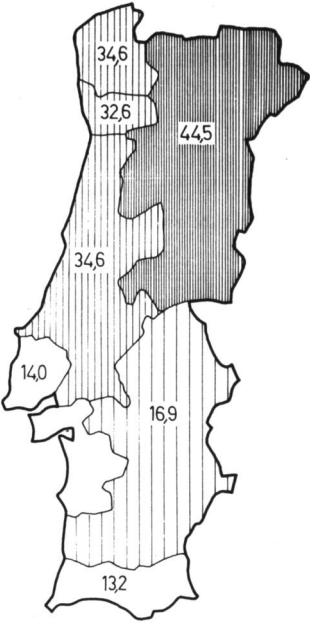
Mais de 60% dos *cat. prat.* situam-se a norte do Tejo, enquanto quase metade dos que se declararam *ateus* residem na área da *Grande Lisboa*.

As assimetrias referidas tornam-se ainda mais visíveis se considerarmos o modo como se distribuem os jovens quanto à religião, comparando essa distribuição região a região e a partir da totalidade dos que vivem em cada região. É o que se representa no quadro n.º 2.

Observa-se que, em todas as regiões consideradas, o total dos que se declararam *católicos* é sempre superior à soma dos que se definem *ateus* e *outra posição*. Mas só na região *interior N/C* é que o número de *cat. prat.*

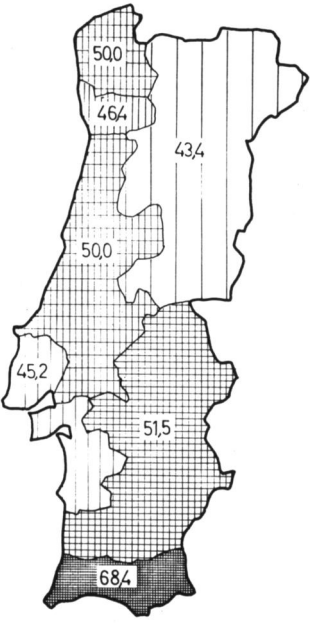
Percentagem de CAT. PRAT. no total dos jovens residindo em cada uma das zonas da amostra

[MAPA 4]



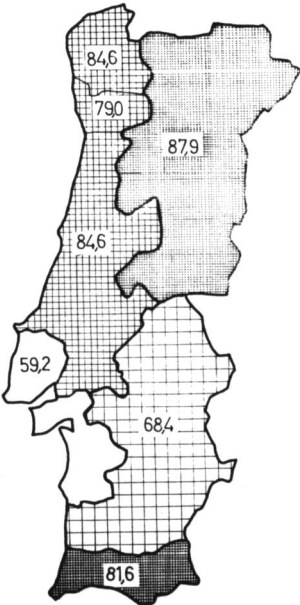
Percentagem de CAT. Ñ. PRAT. no total dos jovens

[MAPA 3]



Percentagem do TOTAL CAT. no total dos jovens

[MAPA 5]



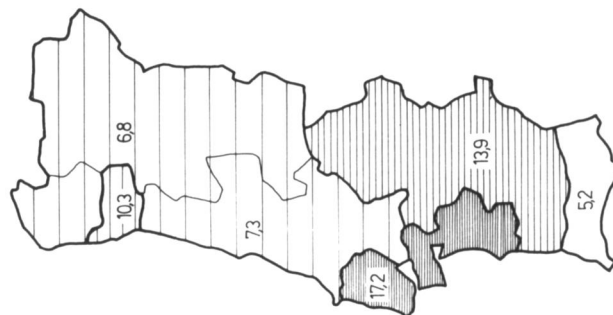
Percentagem de ATEUS no total dos jovens

[MAPA 6]



Percentagem de OUTRA no total dos jovens

[MAPA 7]



ultrapassa o dos *cat. n. prat.* Neste sentido, a maior discrepância observa-se no *Algarve*, com 55 pontos de diferença entre as categorias de *cat.* No *interior sul* e na *Grande Lisboa*, a percentagem de *ateus* é superior à dos que se definem *cat. prat.* Na *Grande Lisboa*, o número de *ateus* excede em 60% o dos *cat. prat.* No *Algarve*, os valores de *cat. prat.* e de *ateus* equivalem-se.

[QUADRO N.º 1]

Regiões	Total de jovens (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Interior N/C	14,6	22,4	13,3	6,0	9,3
Litoral	32,5	39,0	34,1	20,5	22,3
Interior sul	4,5	2,6	4,9	6,2	5,9
Grande Lisboa	26,0	12,6	24,7	48,1	42,1
Grande Porto	19,5	22,0	19,0	16,2	18,9
Algarve	2,9	1,3	4,1	3,0	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Note-se que a posição *outra* nunca é superior ao número de *ateus*, excepto no *interior N/C* e numa diferença mínima, e só é significativa no *interior sul*, na *Grande Lisboa* e *Grande Porto*. Note-se ainda que, na *Grande Lisboa*, a posição *outra* também excede os *cat. prat.*

Os mapas das figs. 3 a 7 indicam a distribuição espacial dos jovens conforme a sua posição perante a religião. Assim, aparece mais nítida a clivagem entre o Norte e o Sul quanto à pertença ao catolicismo. Observe-se, no entanto, e no que diz respeito ao *total de cat.*, a posição particular do *Algarve*.

[QUADRO N.º 2]

Regiões	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Total cat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)	Total (percentagem)
Interior N/C	44,5	43,4	87,9	5,3	6,8	100
Litoral	34,6	50,0	84,6	8,1	7,3	100
Interior sul	16,9	51,5	68,4	17,7	13,9	100
Grande Lisboa	14,0	45,2	59,2	23,6	17,2	100
Grande Porto	32,6	46,4	79,0	10,7	10,3	100
Algarve	13,2	68,4	81,6	13,2	5,2	100

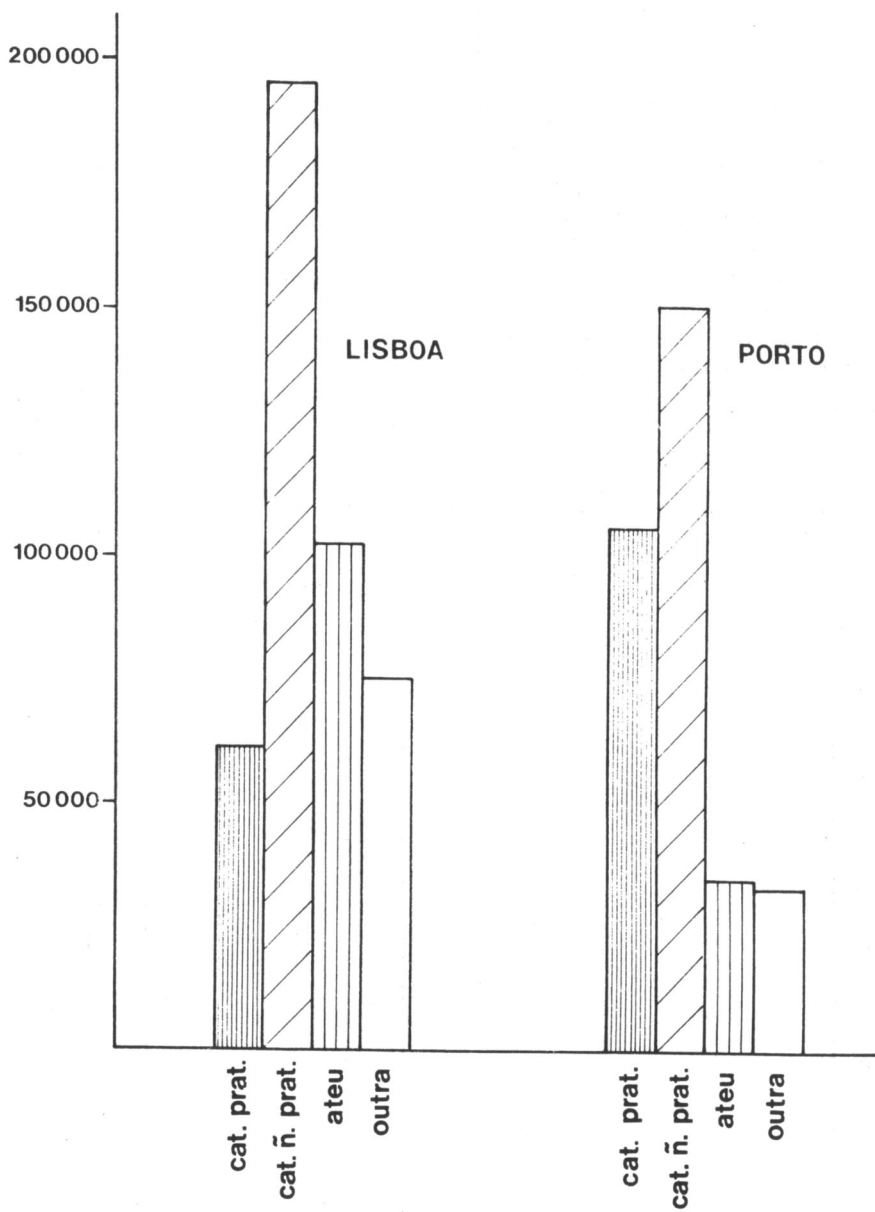
É também de assinalar a posição singular da *Grande Lisboa*, onde ocorre a região de menor identificação dos jovens com o catolicismo. Já assim não se passa na metrópole portuguesa do Norte, onde a identificação com o catolicismo se aproxima dos valores tradicionais na parte norte do País.

O gráfico I faz a comparação, em valores absolutos, do modo como se processa o comportamento dos jovens perante a religião nas duas metrópoles portuguesas.

Em números absolutos, vivem na região da *Grande Lisboa* mais 30% de jovens do que na região do *Grande Porto*. As estimativas a partir do «Inquérito IED» para os totais da população juvenil de Lisboa e Porto são as que constam no quadro n.º 3.

Posição perante a religião dos jovens nas duas grandes metrópoles portuguesas

[GRÁFICO I]



[QUADRO N.º 3]

Tipos	Grande Lisboa	Grande Porto
Cat. prat.....	60 000	105 000
Cat. n. prat.	195 000	150 000
Ateu.....	102 000	34 000
Outra.....	75 000	35 000
Total	432 000	324 000

HABITAT E COMPORTAMENTO RELIGIOSO

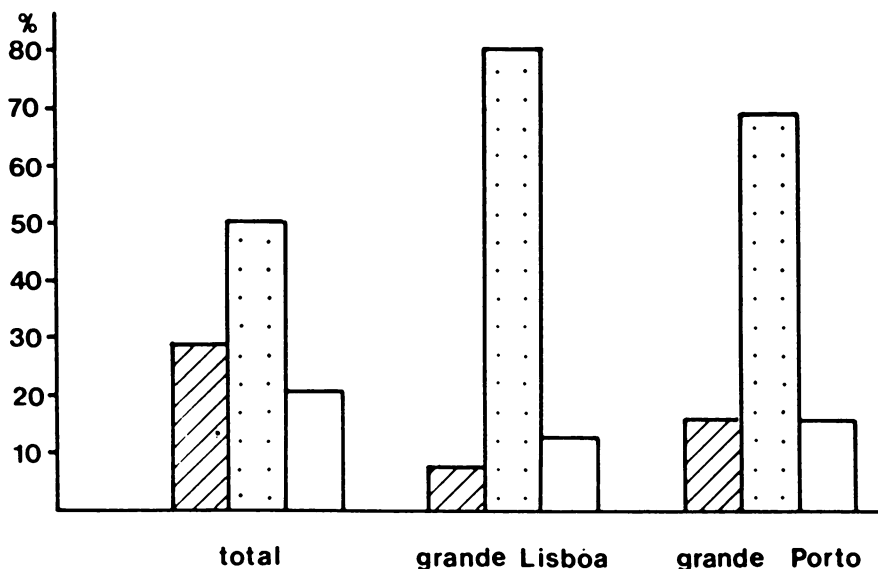
De todas as características reveladas neste inquérito, uma das mais determinantes do comportamento juvenil parece ser o elevado grau de urbanização da juventude portuguesa. Com efeito, 51% dos jovens vivem em localidades com mais de 10 000 habitantes, consideradas aqui como urbanas, onde se incluem todas as capitais de distrito e todas as localidades das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

81% dos jovens dos 15 aos 24 anos vivem no litoral, numa percentagem ligeiramente superior à da população global.

Nas localidades rurais, isto é, nos aglomerados com menos de 2000 habitantes, vivem 28% de jovens e nas zonas de *habitat* intermédio, entre 2000 e 10 000 habitantes, vivem 21%. Mais de metade dos jovens vivem nas zonas urbanas e essa situação acentua-se consideravelmente se observarmos o que se passa nas grandes metrópoles do País (gráfico II).

«Habitat» da população jovem

[GRÁFICO II]



Na zona da Grande Lisboa, 81% dos jovens estão urbanizados e no Grande Porto esse índice atinge os 68%. Em contrapartida, na zona interior, que se estende do Nordeste transmontano à fronteira do Tejo, atinge-se o máximo de ruralidade da população jovem, com 45%, em lugar dos 21% de média nacional.

Se considerarmos agora a atitude perante a religião nos três tipos de *habitat* descritos, verificamos que a pertença ao catolicismo é especialmente concomitante com a ruralidade, enquanto aqueles que se assumem como ateus se encontram maioritariamente nas zonas urbanas.

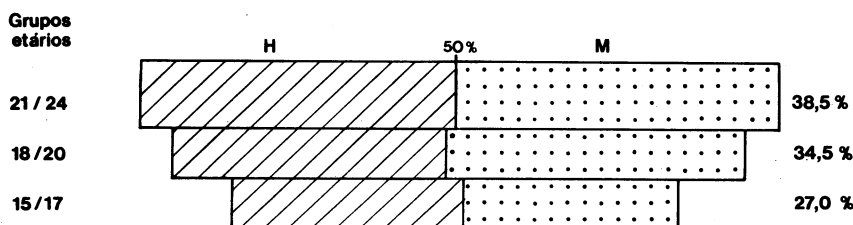
Se considerarmos todas as regiões da amostra e as agruparmos segundo o *habitat*, verificamos que 43% dos *cat. prat.* vivem na zona rural, 37% na zona urbana e 20% na intermédia. Os *cat. n. prat.* são maioritários na zona urbana, com 53%, e estão em partes iguais na rural e na intermédia, com 23,5%, respectivamente. Os *ateus* são largamente maioritários na zona urbana, com 70%, e só 14% dos que vivem na zona rural se assumem como ateus. Na zona intermédia são 16% os *ateus*. Uma distribuição semelhante acontece com os que se agrupam à volta de *outra posição*. Rural, 22%; urbana, 58%; intermédia, 20%.

POSIÇÃO PERANTE A RELIGIÃO E GRUPO ETÁRIO

Para efeitos de análise, os dados foram agrupados em três grupos etários: dos 15 aos 17 anos, dos 18 aos 20 anos e dos 21 aos 24 anos. Este último, comportando quatro escalões de idade, e não três, como os dois primeiros. Assim, na representação gráfica do gráfico III, as barras da pirâmide de idades não são uniformes:

Distribuição por sexo e idade

[GRÁFICO III]



A posição perante a religião também não é uniforme com o crescimento etário do jovem. Os valores obtidos no cruzamento dos grupos etários, com a tipologia das atitudes perante a religião, são os constantes do quadro n.º 4.

O que se revela mais significativo, na leitura destes valores, é o facto de, à medida que aumenta o escalão de idade, aumentar também, e progressivamente, a percentagem de *ateus* e a de jovens com *outra posição*. Esse aumento acelera-se, em ambos os casos, após os 18-20 anos.

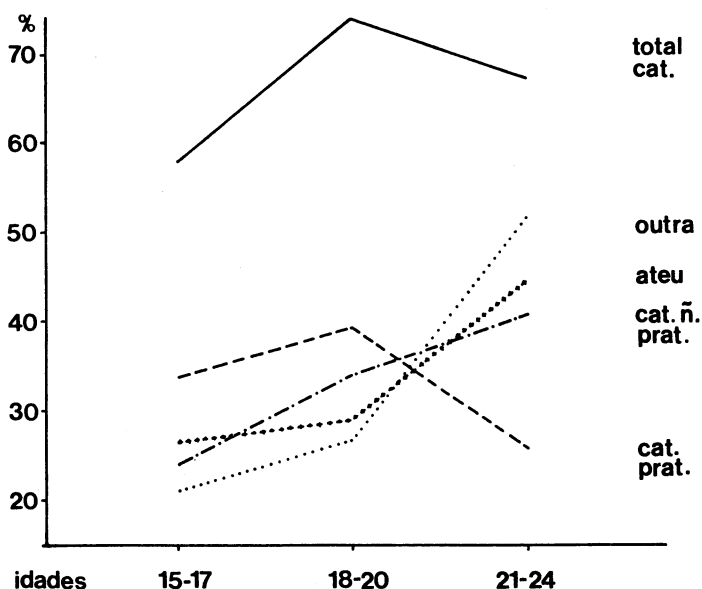
[QUADRO N.º 4]

Grupo etário	Porcentagem no total dos jovens	Cat. prat. (porcentagem)	Cat. n. prat. (porcentagem)	Total cat. (porcentagem)	Ateu (porcentagem)	Outra (porcentagem)
15-17	27,0	34,1	24,1	58,2	26,6	21,0
18-20	34,5	39,4	34,8	74,2	29,0	26,6
21-24	38,5	26,6	41,1	67,7	44,4	52,4

Por outro lado, verifica-se que o período até aos 18 anos corresponde à zona de maior identificação com os *católicos*. Na passagem dos 15 aos 18 anos aumenta o número dos *cat. prat.* e o dos *cat. n. prat.* Após os 18-20 anos diminui o número de *cat. prat.* O número dos *cat. n. prat.* continua a aumentar, mas mais lentamente. Estas variações estão representadas no gráfico IV:

Posição perante a religião e grupo etário

[GRÁFICO IV]



O gráfico IV evidencia que o período dos 18-20 anos é uma idade de clivagem. Num inquérito realizado aos jovens dos países CEE e do mesmo escalão de idade pode-se indiciar que o tempo da clivagem nas opções dos jovens, em relação aos valores culturais, religiosos, políticos, ideológicos, se situam mais do lado dos 18 do que do dos 20 anos².

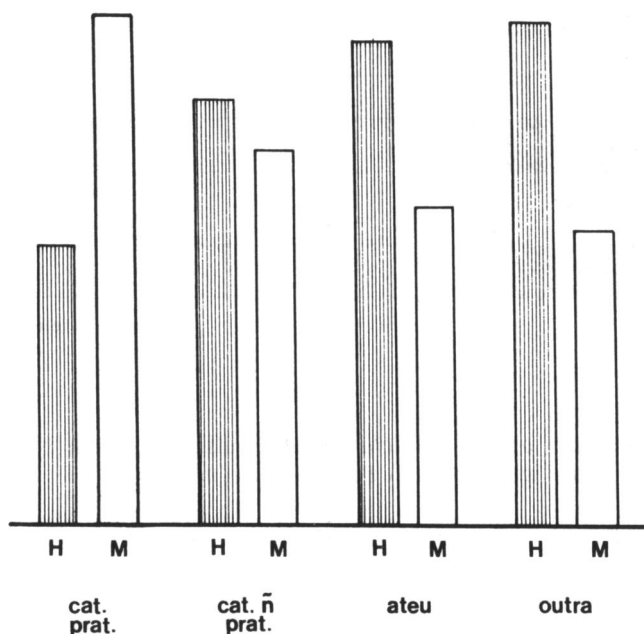
DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

Na pirâmide, representando os três grupos etários e a distribuição por sexos (gráfico III), observam-se apenas variações de 1%, ora no sentido masculino, ora no sentido feminino, conforme o grupo de idade considerado.

Todavia, o equilíbrio numérico entre rapazes e raparigas é recente no nosso país. Durante mais de uma década, a parcela feminina dos jovens atingia os 53%. Mas, com os retornados das ex-colónias, o regresso das tropas de África e a diminuição dos fluxos emigratórios, a população jovem masculina tornou-se igual à população jovem feminina no fim da década de 70, tal como na Europa comunitária³.

Distribuição por sexo

[GRÁFICO V]



No que diz respeito à religião, o sexo apresenta uma relação considerável, quer na identificação com a prática religiosa, quer na recusa com um posicionamento religioso. Os valores obtidos no Inquérito IED foram os constantes do quadro n.º 5:

[QUADRO N.º 5]

Tipos	H	M
Cat. prat.....	35,6	64,6
Cat. n. prat.	52,9	47,1
Ateus.....	60,3	39,7
Outra.....	63,3	36,7

² Cf. *The Young Europeans — An explanatory study of 15-24 year olds in E.E.C. countries*, Dezembro de 1982, Comissão da Comunidade Europeia.

³ Cf. M. Braga da Cruz, J. M. Seruya, L. B. Reis e L. Schmidt, «A condição social da juventude portuguesa», in *Análise Social*, vol. xx, n.ºs 81-82, 1984, p. 290.

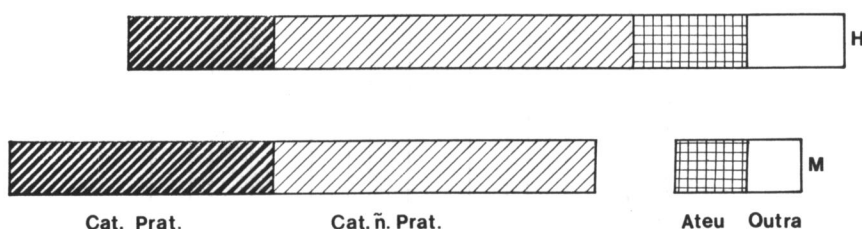
Nos jovens dos 15 aos 24 anos que se definem *cat. prat.*, em cada 3 jovens praticantes 2 são raparigas. Em todos os outros tipos de comportamento, os rapazes têm sempre valores superiores. Assim, há mais rapazes a definir-se como *ateus* do que raparigas. Em cada 5 jovens que se definem como *ateus* 3 são rapazes e 2 são raparigas.

É nos *cat. n. prat.* que se dá uma quase identificação entre as percentagens de rapazes e de raparigas, sugerindo esta identificação que estamos diante duma posição de certa indiferença perante a posição religiosa (gráfico V).

O gráfico VI indica a composição de cada subconjunto H/M relativamente à posição perante a religião. Nos rapazes, o grupo dos *cat. n. prat.*

Posição dos jovens perante a religião — distribuição em cada subconjunto H/M

[GRÁFICO VI]



excede a soma dos que se definem nas três outras posições. Nas raparigas, as *cat. prat.* quase igualam as que se declaram *cat. n. prat.*

HABILITAÇÕES ESCOLARES DOS PAIS E DOS FILHOS

Quanto ao nível de escolarização dos jovens, notam-se consideráveis diferenças quando o comparamos com o nível de escolarização obtido na geração dos seus pais (gráfico VII).

Nos jovens, a taxa de analfabetismo ronda o 1%, nos seus pais oscila entre os 12% e os 14%, conforme se trata do pai ou da mãe. De salientar, aliás, que os pais apresentam, em geral, um nível de habilitação escolar superior ao das mães.

Na geração dos pais, 76% ficaram pelo ensino primário ou menos. Nos actuais jovens com 15-24 anos, só 33% ficaram nesse grau ou ainda o frequentam. Só 17% dos pais têm o ensino secundário, mas, nos jovens, a taxa de escolarização do secundário é de 59%. Todavia, no ensino superior, as diferenças são mínimas. Se 7% dos pais têm o ensino superior, só 7,6% dos jovens actuais já o concluíram ou o frequentam⁴.

Verifica-se, assim, que a taxa de escolarização registou em Portugal, e na última década, um aumento considerável, semelhante à taxa média de escolarização da CEE⁵.

⁴ J. S. Pereira, *O Percorso Escolar da Geração dos 16-24 Anos*, «Cadernos Juventude», 1, Lisboa, IED, Outubro de 1983.

⁵ J. M. Seruya, *Sistema Educativo e Políticas de Educação em Portugal — O Ensino Secundário e Superior entre 1970 e 1982*, ICS, 1984.

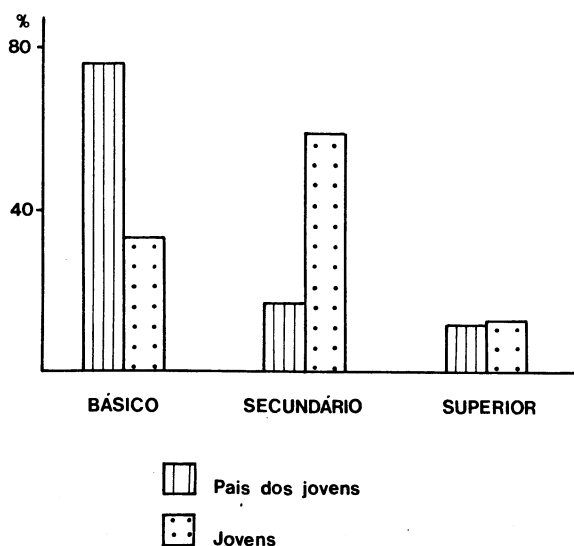
Mas a introdução, em 1977, do regime *numerus clausus* no acesso ao ensino superior veio criar um estrangulamento na saída do secundário para a esmagadora maioria dos jovens.

Sem acesso ao ensino superior, sem emprego, a juventude vê-se confrontada com um beco sem saída. Verificou-se também que só 10% dos jovens têm cursos profissionais não oficializados.

Apesar de todas as reformas do sistema de ensino ocorridas em Portugal nos últimos anos, continua a verificar-se um grande desajustamento entre a escola e a vida profissional.

Habilitações escolares dos pais e dos filhos

[GRÁFICO VII]



RELIGIÃO E HABILITAÇÕES ESCOLARES

Se ventilarmos o grau de habilitação escolar do jovem, com a posição perante a religião, encontramos variações muito significativas, como se indica no quadro n.º 6:

[QUADRO N.º 6]

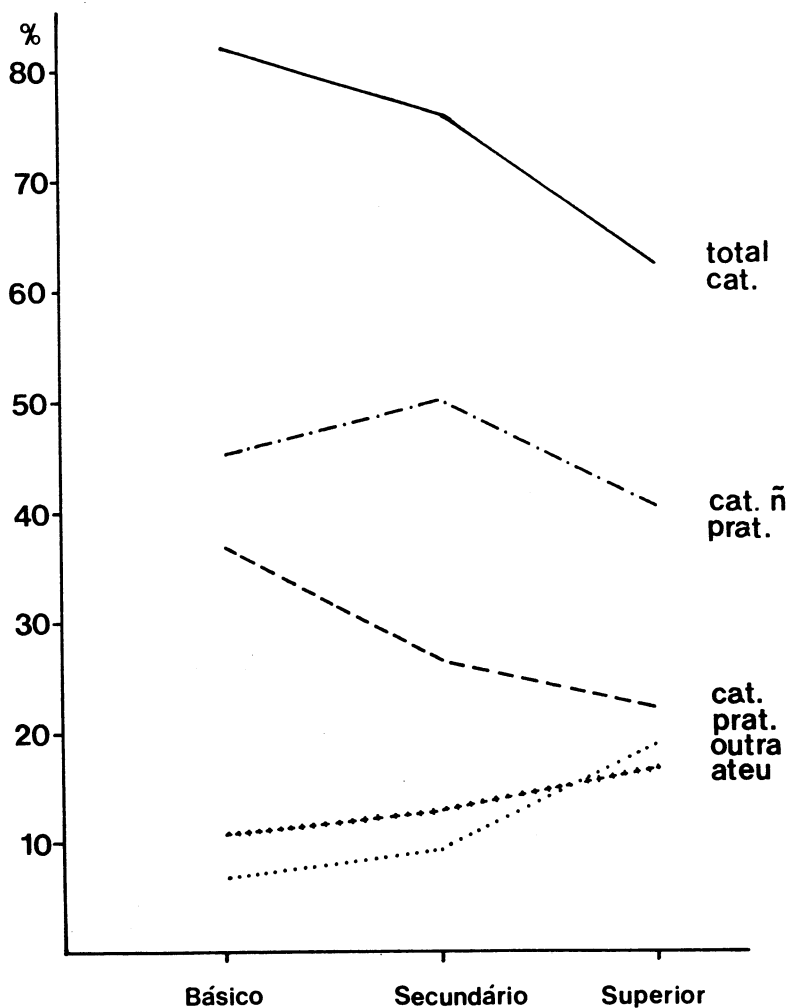
Grau de habilitação	Total de jovens (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Total cat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Básico	32,6	36,7	45,4	82,1	10,9	7,0
Secundário	59,7	29,8	50,3	82,1	13,3	9,6
Superior	7,6	22,9	41,0	77,1	16,9	19,3
				63,9		

Nota-se uma correlação negativa bem acentuada entre o catolicismo e a habilitação escolar do jovem. Assim, observa-se que quanto maior for a habilitação, menor é a pertença ao ou a prática do catolicismo. Inversamente, quanto maior habilitação escolar, maior índice de ateísmo, ou definição em

outra posição. Note-se, no entanto, que, no *superior*, a *outra* posição é superior à percentagem de *ateus*. E o *total de ateus e outra* (36%) muito superior à dos *cat. prat.* (23%), o que não acontece, de modo nenhum, no *secundário* e no *básico*. Poderá concluir-se que o nível *superior* de habilitação escolar, além de favorecer o ateísmo, favorece também posições agnósticas e atitudes diversas perante a religião. O ensino *superior*, coincidindo sempre com o meio *urbano*, reforça as possibilidades de pluralismo cultural, e por isso faz aumentar o índice de *outra* posição (gráfico VIII).

Religião e habilitações escolares

[GRÁFICO VIII]

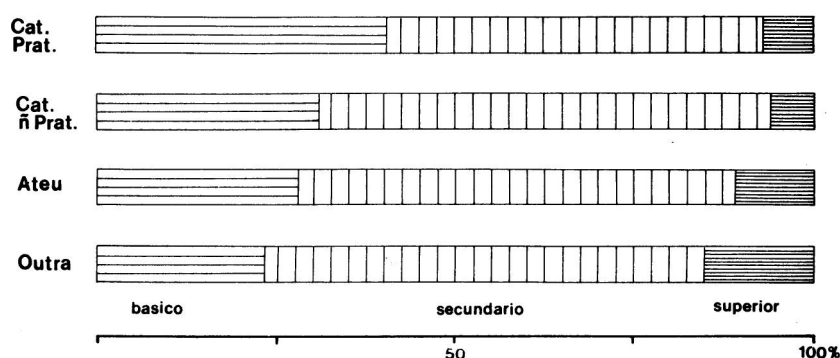


Seguidamente procedemos à comparação dos níveis de habilitação escolar no interior de cada subconjunto de jovens e de acordo com a sua definição perante a religião. Podemos concluir que o grupo *cat. prat.* se caracteriza

por conter os jovens com menor grau de habilitação. Aí, o *básico* é o mais elevado de todos. O *secundário* e o *superior* apresentam os valores mais baixos de todos os subconjuntos. O subconjunto de *outra* posição é o que apresenta o nível de habilitação mais elevado, confirmando a hipótese formulada já acima. O gráfico IX representa estas variações:

Habilitações escolares e atitude face à religião (composição de cada subconjunto)

[GRÁFICO IX]



TIPO DE ESTABELECIMENTO DE ENSINO FREQUENTADO

Neste inquérito foi apurado que os jovens que frequentaram ou frequentam o ensino privado representam, em todos os graus de ensino, uma minoria. No básico são 11%, no ensino secundário 6% e no superior 1%.

Em todos os graus de ensino é a região de Lisboa que absorve a maior parte dos que frequentam o ensino privado.

Os jovens oriundos de famílias cujo estrato socioeconómico é médio dão os maiores contingentes para a frequência do ensino privado no grau básico e secundário. No grau superior, o principal contingente vem do estrato alto/médio alto. Os jovens oriundos do estrato socioeconómico baixo não frequentam praticamente o ensino privado ⁶.

Por outro lado, o tipo de estabelecimento que o jovem frequentou ou frequenta revela-se também significativo nesta análise da posição do jovem perante a religião. O mesmo jovem pode ter frequentado, ao longo dos seus estudos, estabelecimentos estatais e privados. Assim, cada jovem pode ter sido aqui contado mais de uma vez. Por outro lado, o número reduzido de indivíduos contados na amostra relativos ao ensino *superior privado* (14) obriga a uma certa reserva na análise referente a este grau de ensino. Os valores apurados são os indicados no quadro n.º 7:

⁶ Ver na p. 277 o modo como se definiu o estrato socioeconómico.

Tipo de estabelecimento de ensino que frequenta/ou (percentagem)

[QUADRO N.º 7]

Grau de ensino	Cat. prat.	Cat. n. prat.	Total cat.	Ateu	Outra	Total ateu + outra
<i>Básico:</i>						
Estatual	29,3	48,2	77,5	12,3	10,2	22,5
Privado	24,7	43,1	67,8	17,3	14,9	32,2
<i>Secundário:</i>						
Estatual	25,8	48,4	74,2	13,5	12,3	25,8
Privado	33,7	37,9	71,6	21,2	7,1	28,3
<i>Superior:</i>						
Estatual	17,3	42,6	59,9	18,7	21,3	40,0
Privado	40,5	24,8	65,3	19,2	15,4	34,6

A primeira observação sobre os resultados apresentados acima leva-nos a concluir que há comportamentos e evoluções diferentes, conforme se trata de estabelecimentos estatais ou privados. No ensino *estatal*, à medida que aumenta o grau de ensino, diminui a pertença ao catolicismo e, inversamente, aumenta o número de *ateus* e *outra*, sobretudo na passagem do *secundário* ao *superior*, confirmando assim as análises anteriores. No ensino *privado*, as evoluções não são no mesmo sentido ao longo do currículo escolar. A adesão ao catolicismo aumento só para os *cat. prat.*, mas diminui nos *cat. n. prat.* Desse modo, o *total cat.* aumenta ligeiramente do *básico* para o *secundário* e diminui depois ao passar ao *superior*. Observe-se que, no ensino *privado*, os *cat. prat.* no grau *básico* e *secundário* são em menor número do que os *cat. prat.* no ensino estatal e nesses mesmos graus de ensino. No *superior*, os *cat. prat.* do *privado* são em percentagem muito superior aos *cat. prat.* do *estatal*.

A diminuição do número de *ateus* no *privado*, ao passar do *secundário* para o *superior*, o aumento dos *cat. prat.* e a diminuição dos *cat. n. prat.* nessa mesma passagem induzem a uma caracterização bem tipificada dos jovens que frequentam o ensino *superior privado*. Já sabíamos, pelos resultados anteriores, que o número de *ateus* aumenta com o aumento do nível de habilitação dos jovens, mas o que se torna surpreendente nos valores apurados no quadro n.º 7 é o facto de a percentagem de *ateus* ser maior no *privado* do que no *estatal* em todos os graus de ensino.

A surpresa existe, se considerarmos a ideia, muito divulgada, segundo a qual as escolas privadas são sobretudo dirigidas pelas instituições católicas, e, logo, não seriam frequentadas por jovens ateus.

ESTUDO, TRABALHO, DESEMPREGO

Analisámos os graus de habilitação escolar dos jovens em geral, isto é, dos que ainda se encontram a estudar e dos que já abandonaram as escolas. Vamos agora considerar a distribuição da população juvenil na dicotomia estudo e trabalho, assim como nas fases de transição do primeiro para o segundo.

Metade dos jovens portugueses do continente são estudantes e, dos outros, 30% *só trabalham*. Dos estudantes, 43% *só estudam*, equivalendo-se, neste grupo, o número de raparigas e rapazes. Mas, nos trabalhadores-estudantes, que representam 5% do total, as jovens são mais numerosas do que os jovens.

Pelo contrário, nos 30% que *só trabalham*, o número de jovens masculinos é consideravelmente superior ao das jovens trabalhadoras.

8% de jovens declararam *não estudar, não trabalhar, nem procurar emprego*. Uma análise mais aprofundada revelou que, nesses 8% de jovens que declararam «não fazer nada», 85% são raparigas, talvez à espera de casamento.

O sexo introduz diferenças significativas, sobretudo na entrada no mercado de trabalho, já que nos *só estudantes* se dá equivalência numérica, como se observa no gráfico X.

Os desempregados à procura do primeiro emprego ou de *novo emprego* são 11% e, em ambos os casos, a procura é maior por parte do sexo feminino do que nos jovens do sexo masculino, o que não é mais do que uma consequência da elevada taxa de desemprego feminino.

Não serão só estes 11% que, eventualmente, se declaram preocupados com o desemprego. Interrogados sobre as grandes preocupações da juventude a partir do seu ponto de vista pessoal, 40% de jovens declararam que a sua primeira preocupação são o desemprego e os problemas associados à sua inserção profissional.

Tal como tem sido revelado noutros estudos sobre a condição social da juventude portuguesa, os jovens têm consciência de que a expansão do desemprego juvenil em Portugal é uma realidade flagrante dos últimos anos, penalizando sobretudo o sexo feminino.

Se a evolução do desemprego em Portugal apresenta semelhanças com o que se passa nos países da CEE, a tendência em Portugal, mais ainda do que nesses países, é a de o desemprego ser cada vez mais juvenil ⁷.

TRABALHO, DESEMPREGO E POSIÇÃO PERANTE A RELIGIÃO

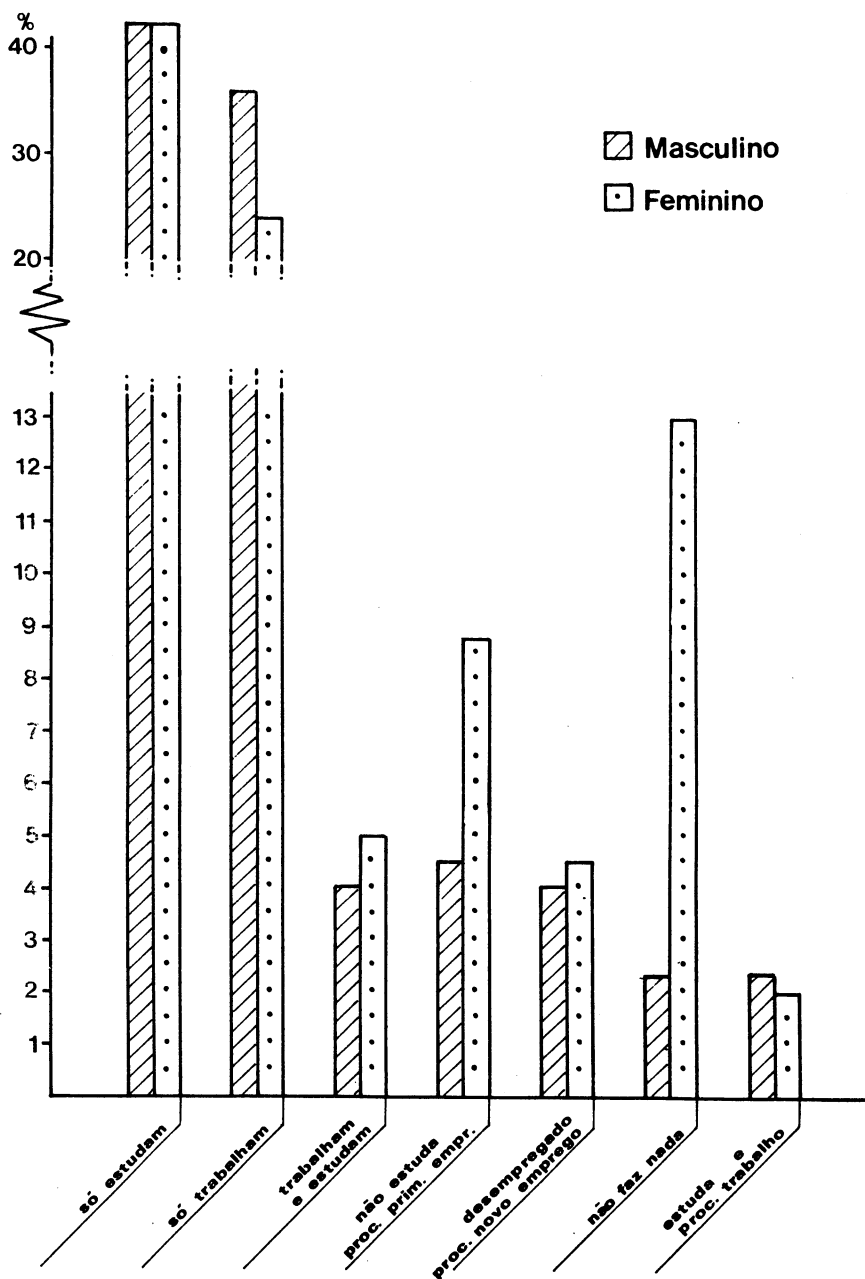
Verificámos atrás que o nível de habilitação escolar está relacionado com a atitude do jovem perante a religião. Procuramos agora saber se o acesso à vida activa, ou seja, a condição de trabalhador, que é um dos lugares da socialização, interfere ou não na definição em relação à religião. Para tanto, vamos comparar as posições perante a religião dos que *só estudam* com as dos que *só trabalham*, que no total são 72,2%. Veremos seguidamente a posição dos *desempregados*, dos *à procura de novo emprego*; a posição dos *trabalhadores-estudantes* e a dos que responderam *não faz nada, não procura emprego*. Assim, abrangemos nesta análise 89% dos jovens.

Não consideramos os que responderam *estuda e procura trabalho* (2,2%), *já não estuda e procura o primeiro emprego* (6,7%) e *está no serviço militar* (2,4%).

⁷ Cf. J. M. Seruya, *O Desemprego Juvenil em Portugal*, ICS, 1983, e J. S. Pereira, *Emprego e Formação Profissional dos Jovens*, «Cadernos Juventude», II, Lisboa, IED, Outubro de 1983.

Situação em relação ao trabalho e ao sexo

[GRÁFICO X]



Os valores obtidos no inquérito para aquelas diferentes situações dos jovens são os que constam do quadro n.º 8:

[QUADRO N.º 8]

	Percentagem no total	Cat. prat. (percent.)	Cat. n. prat. (percent.)	Total cat. (percent.)	Ateu (percent.)	Outra (percent.)	Total (percent.)
Só estuda	(42,7)	29,7	45,9		13,0	11,5	
Só trabalha.....	(29,5)	30,5	52,3	75,6	9,7	7,4	24,5
Desempregado/pro- cura novo emprego	(4,2)	8,0	42,6	82,8	30,3	19,1	17,1
Trabalha e estuda....	(4,6)	21,8	42,7	50,6	26,4	9,1	49,4
Não faz nada nem procura emprego..	(7,7)	46,7	33,8	64,5	12,0	7,5	35,5
				80,5			19,5

A população que *só estuda* reproduz, com ligeiras diferenças, a distribuição ao nível nacional da posição dos jovens perante a religião. Nos que *só trabalham* aumenta significativamente (10%) a pertença ao catolicismo e diminui quer os *ateus* quer os *outra*. Para estas variações dos que *só trabalham*, relativamente aos que *só estudam*, deve concorrer o elevado número de jovens rurais que se declaram *cat.* e abandonam a escola cedo. Diferença muito significativa é a do grupo dos *desempregados*. Estes são jovens do meio trabalhador que já estiveram empregados. O mais notório, aqui, é o afastamento do catolicismo, sobretudo o valor dos *cat. prat.*, que atinge o valor mais baixo de todo o inquérito das posições perante a religião. Obviamente, há uma subida única também dos *ateus* e de *outra*. Os *trabalha e estuda* distinguem-se dos que *só estuda* pela elevada percentagem de *ateus* (o dobro) e distinguem-se dos *desempregados* pelo número mais elevado de *cat. prat.* relativamente a estes. Todavia, os trabalhadores-estudantes são os mais afastados do catolicismo depois dos desempregados. No grupo dos que responderam *não faz nada* e cujo valor absoluto (7,7%) é superior aos de todos os outros grupos, exceptuando os *só trabalha* e *só estuda*, o que há de assimétrico é a alta taxa de *cat. prat.* — a mais elevada de todas as situações e muito acima da média nacional (46,7% contra 28,8%). Neste grupo dos *não faz nada* deve-se ter em conta o número considerável de raparigas (85%), contra os 15% dos rapazes. Verifica-se também que se trata de estratos económico-sociais baixos (meios rurais?). A posição *outra* sofre também uma descida relativamente à média, permitindo talvez afirmar que aqueles que não fazem nada também nada procuram, culturalmente falando.

Para compararmos a composição de cada subconjunto, a partir da sua posição comum perante a religião, temos os valores do quadro n.º 9:

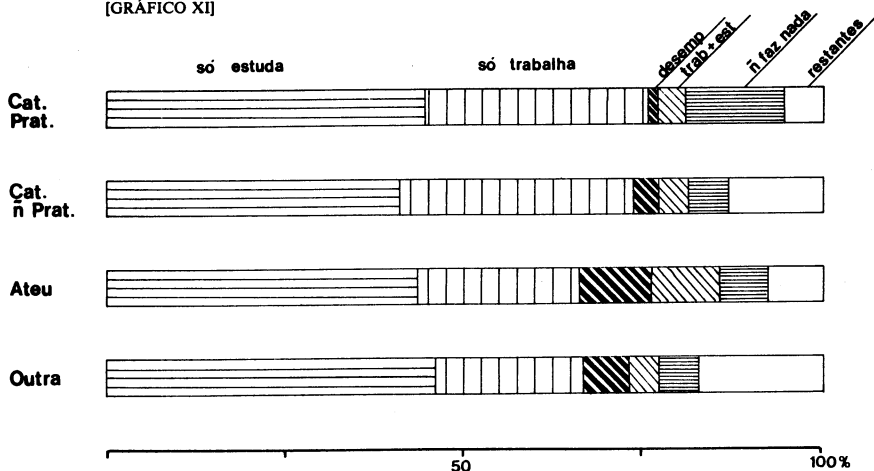
[QUADRO N.º 9]

Tipos	Só estuda (percentagem)	Só trabalha (percentagem)	Desempregado/ /procura novo emprego (percentagem)	Trabalha e estuda (percentagem)	Não faz nada (percentagem)	Restantes (percentagem)
Cat. prat.....	43,9	31,2	1,2	3,5	12,4	7,8
Cat. n. prat.	41,0	32,4	3,8	4,1	5,5	13,2
Ateus.....	43,4	22,3	10,0	9,5	7,2	7,6
Outra.....	46,1	20,6	7,6	3,9	5,4	16,4

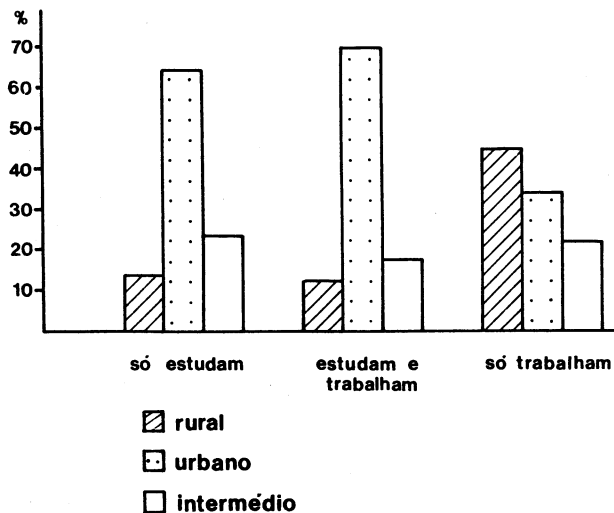
Estas percentagem estão graficamente representadas no gráfico XI:

Estudo/trabalho — posição perante a religião

[GRÁFICO XI]



[GRÁFICO XII]



Quanto à formação profissional, apurou-se o seguinte: só 10,4% dos jovens inquiridos declararam ter um curso profissional; o grupo dos *cat.* mostra tendência para baixar aquela média, passando a 9,3% para os *cat. prat.* e 8,1% para os *cat. n. prat.* Pelo contrário, os *ateus* apresentam um valor quase duplo da média, ou seja, 18,2%. Se analisarmos a composição de cada subconjunto, verificamos que são os *cat. n. prat.* os que menos cursos profissionais apresentam.

Parece, portanto, que a pertença ao catolicismo não significa, necessariamente, habilitação profissional.

MEIO URBANO FAVORECE O ESTUDO

Uma última agregação dos jovens segundo o *habitat*, e confrontando-a com a posição perante o estudo e o trabalho, permite concluir, com evidência, que o maior índice de urbanização da população jovem acompanha o nível de escolarização. Observe-se que aqueles que *só estudam* ou que *estudam e trabalham* vivem preferencialmente nos meios urbanos (gráfico XII).

No gráfico que representa os que *só trabalham* observa-se que o peso do *habitat* rural é dominante, devido certamente aos jovens que trabalham na agricultura.

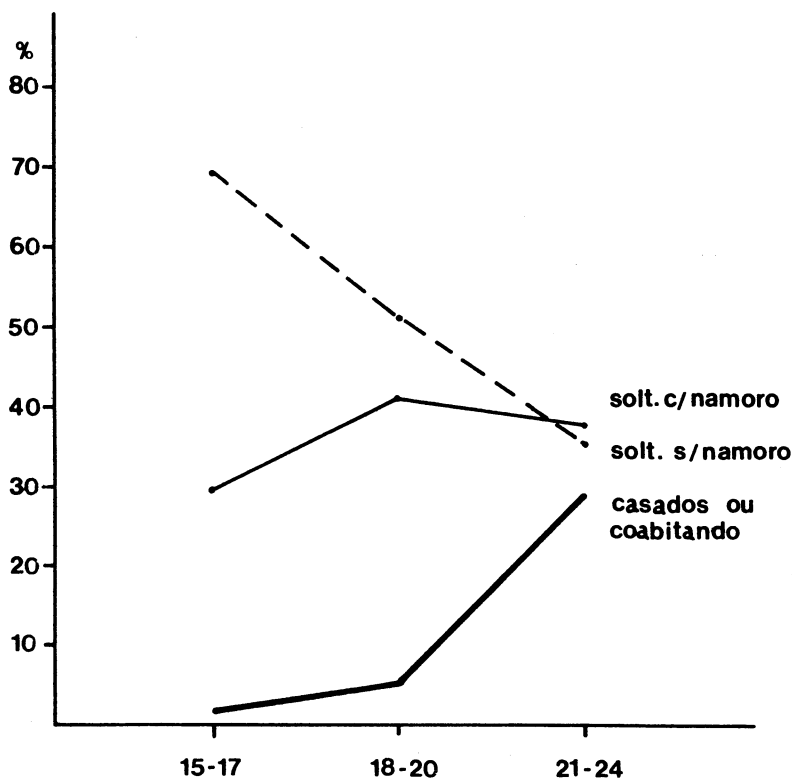
ESTADO CIVIL E GRUPOS ETÁRIOS

A maioria dos jovens portugueses são solteiros (86,5%). So 13,5% já casaram ou coabitam na data da entrevista.

Dos 87% de solteiros, metade não namoram. Mas, como é de esperar, a idade do jovem introduz aqui grandes variações (gráfico XIII).

Estado civil dos jovens e grupos etários

[GRÁFICO XIII]



Dos 13,5% que já *casaram ou que coabitam*, 3% são do grupo etário dos 15 aos 17 anos, 18% do grupo dos 18 aos 20 anos e 79% do grupo menos jovem, ou seja, dos 21 aos 24 anos. Nesta parte da população que estamos a descrever, estimada em 220 000 indivíduos, verifica-se que os jovens casados, ou coabitando, são sobretudo os do sexo feminino (78%), contra somente 22% de rapazes, que até àquela idade máxima estabeleceram matrimónio ou coabitam com companheira. Os que coabitam representam 3,8% do grupo dos *casados ou coabitando*.

Uma das atitudes sobre as quais a posição perante a religião manifesta os seus efeitos é na forma do casamento escolhido, assim como na posição perante o namoro. Os valores obtidos pelo cruzamento do estado civil com a variável religião são os que constam no quadro n.º 10:

[QUADRO N.º 10]

Estado civil	Total de jovens (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Solteiro sem namoro	50,2	58,5	45,4	46,4	53,2
Solteiro com namoro	36,3	27,0	41,5	38,9	34,7
Separado	1,5	1,2	0,6	2,5	5,2
Divorciado	0,6	—	0,3	3,9	—
Casado pelo civil	2,9	1,1	2,5	7,7	3,6
Casado pela Igreja	8,0	12,2	8,7	0,4	2,9
Viver juntos	0,5	—	0,9	0,1	0,3

O casamento é uma instituição preferida pelos jovens que se declaram *cat.*, quer sejam *prat.* ou *n. prat.* Nestes dois grupos, a soma dos casamentos é superior à média nacional. Mas os *cat. prat.* são mais tímidos quanto ao namoro, pois é no seu grupo que existe a maior percentagem dos que se declaram *solteiro sem namoro*.

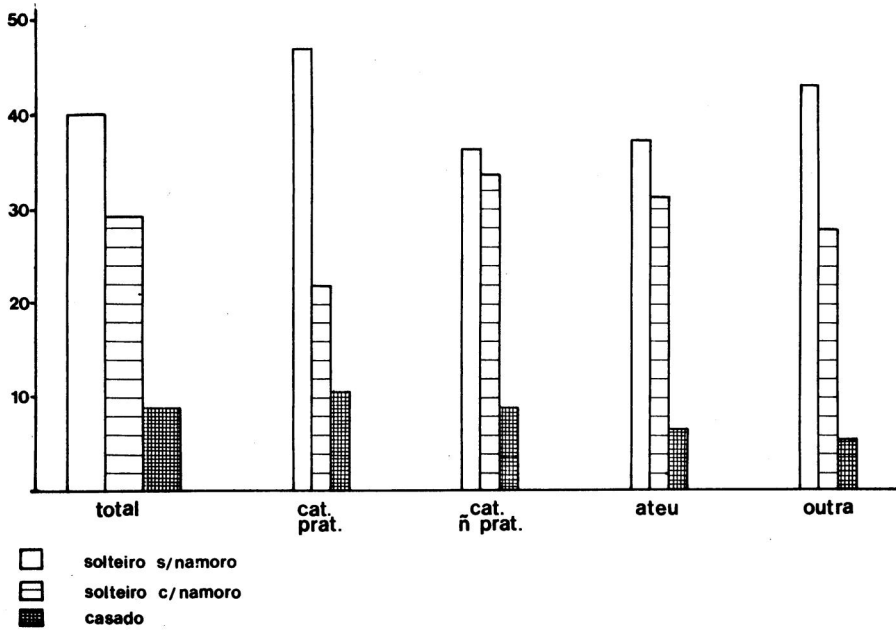
O inquérito não detectou viúvos, mas encontrou 1,5% de *separados* e 0,6% de *divorciados*, e só 0,5% dos jovens declararam viver juntos. Esta situação só se encontra nos *cat. n. prat.* (0,9%) e na *outra* (0,3%). Quanto aos que casaram, e quando se afirma que 13,5% dos jovens portugueses dos 15 aos 24 anos estão casados ou coabitam, estamos a considerar a soma dos separados, dos divorciados, dos casados pelo civil ou pela igreja e dos que declaram viver juntos (gráfico XIV).

Como se afirmou na Conferência sobre a «Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal», realizada em 1983, «O casamento é claramente um projecto muito importante para os jovens que responderam ao inquérito. Se considerarmos os jovens solteiros, verificamos que cerca de 82% pensam casar-se e apenas 11% pensam realizar-se com um/a companheiro/a numa união livre. O casamento pela Igreja é claramente preferido, escolha que tem a ver fundamentalmente com a posição do jovem perante a religião e com o tipo de casamento realizado pelos pais»⁸. Por outro lado,

⁸ D. Sampaio, «Relance sobre os jovens e sua família», in *Conferência 1983. Comunicações e Conclusões*, «Cadernos Juventude», VIII, Lisboa, IED, Junho de 1984, p. 38.

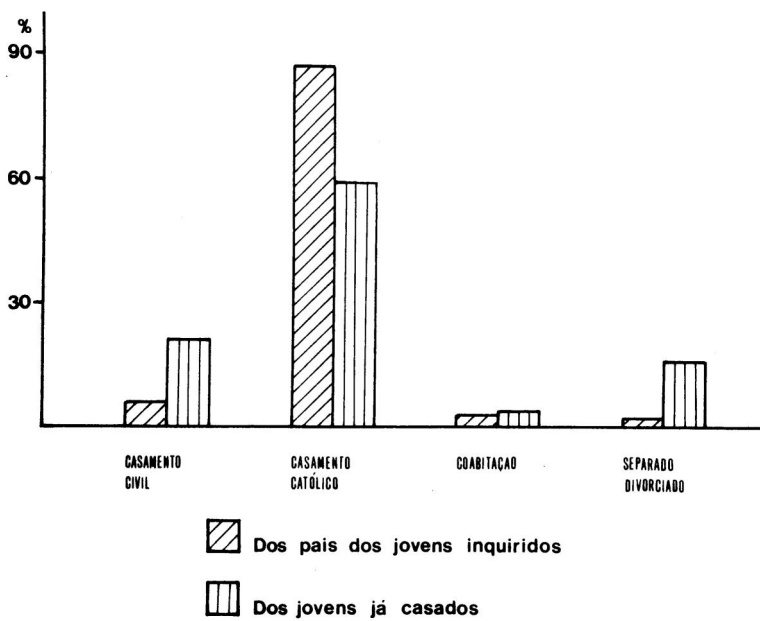
Estado civil e posição perante a religião

[GRÁFICO XIV]



Estado civil dos pais e dos filhos

[GRÁFICO XV]



como foi perguntado aos jovens que tipo de união encaravam para o futuro, foi possível comparar essas respostas com o tipo de casamento realizado pelos seus pais, assim como a sua posição perante a religião. Esses valores estão descritos nos quadros n.ºs 11 e 12:

Tipo de união prevista e posição perante a religião

[QUADRO N.º 11]

Atitude em relação ao casamento	Total (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Pensa casar pela Igreja	64	88	67	25	29
Pensa casar pelo civil	18	6	17	45	26
Pensa realizar uma união livre ..	11	2	9	19	31
Não sabe/não responde.....	7	4	7	11	15

Posição perante o tipo de casamento dos pais

[QUADRO N.º 12]

Atitude em relação ao casamento dos jovens	Total (percentagem)	Casamento dos pais	
		Civil (percentagem)	Igreja (percentagem)
Casar pelo civil.....	18	35	17
Casar pela Igreja	64	29	66
União livre	11	19	10

E a conclusão do autor foi a seguinte:

O casamento é um projecto importante para os jovens, sendo portanto de rejeitar o estereótipo, por vezes utilizado, de que os adolescentes são pelo amor livre e contra o casamento. Nesse projecto de vida há um nítido seguidismo em relação ao tipo de casamento dos pais ⁹.

Quanto à forma de casamento, é possível comparar a realidade dos jovens já casados no grupo dos 15 aos 24 anos com a situação na geração dos seus pais.

A maioria dos pais dos jovens realizaram casamento católico (87%). Entre os jovens casais, essa percentagem não ultrapassa os 67%. Na geração

⁹ D. Sampaio, «Relance sobre os jovens e sua família», in *Conferência 1983. Comunicações e Conclusões*, «Cadernos Juventude», VIII, Lisboa, IED, Junho de 1984, p. 43.

dos pais casaram pelo civil 6%, na dos jovens 21%. Mas, curiosamente, e contra o que se diz correntemente, os que coabitam ou vivem juntos são, em percentagens, muito semelhantes nas duas gerações. Nos pais, 2,4%; nos filhos, 3,5% (gráfico XV).

Diferença verdadeiramente significativa entre as duas gerações vamos encontrá-la nos casamentos que entraram em ruptura pela separação e pelo divórcio. Se, na geração dos pais, isso só aconteceu em 2% dos casos, na geração dos jovens casais, esse valor atinge 16%.

O inquérito revelou ainda que 0,4% dos jovens que casaram pela Igreja se declararam *ateus* e que 1,1% de *cat. prat.* casaram pelo civil. Os *cat. prat.*, segundo o inquérito, não vivem juntos nem se divorciaram.

Entre os *cat. prat.*, 94,4% dos jovens têm pais que casaram pela Igreja e só 1,1% têm pais que casaram pelo civil. Nos que se declararam *ateus*, 76,3% têm pais com casamento pela Igreja e 10,5% com casamento civil. Só 2,4% dos pais destes jovens vivem juntos, mas essa percentagem aumenta nos pais cujos jovens se declararam *ateus* (5,8%). Note-se que no grupo dos *cat. prat.* há 2,0% de jovens cujos pais vivem *juntos* (cerca de 10 000 casais nestas condições).

Concluindo, a posição perante a religião determina, em grande parte, o tipo de casamento ou coabitação escolhido pelo jovem. O casamento dos pais coincide, em mais de 70% das vezes, com a opção do jovem. Entre os que já casaram nota-se que, dos que casaram pela Igreja, 43,7% continuam a ser *cat. prat.*, enquanto na fase de namoro só se declaravam *cat. prat.*, respectivamente, 33,7% e 21,5% (sem e com namoro). Nos casados pelo civil, 34% consideram-se *ateus* e 11,1% consideram-se *cat. prat.*

Enfim, 2% dos jovens disseram que não sabiam qual era a situação matrimonial dos seus pais. Aproveita-se este último conjunto de dados para esclarecer que, neste inquérito, a maioria das perguntas receberam um elevadíssimo índice de resposta. A qualquer das 70 perguntas do questionário, as não respostas raramente sobem aos 5%.

O único caso anómalo, em todas as perguntas respeitantes à caracterização dos jovens, foi o daquela em que se pretendia saber qual a situação perante o trabalho do pai, e nesse caso atingiu 13% de não respostas. A anomalia parece tanto mais extraordinária quanto na pergunta sobre a situação perante o trabalho da mãe as não respostas não ultrapassam os 3,6%.

SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO PAI E DA MÃE

Sobre a situação do pai e da mãe dos jovens perante o trabalho foi possível apurar o seguinte:

A maioria dos pais destes jovens são empregados (74%), mas a maioria das mães são domésticas (62%). Há, no entanto, 30% de mães empregadas, o que corresponde a 1/3 da população feminina casada da geração que agora tem 45 a 49 anos de idade.

Entre os jovens deste grupo etário há 2% cujos pais estão desempregados e 11% cujos pais já estão reformados. Mas só 5% de mães reformadas.

A maioria dos pais dos jovens deste grupo de idade situa-se, ao nível etário, entre os 45 e os 59 anos. Verifica-se, contudo, uma tendência para as mães dos jovens serem relativamente mais novas que os pais. A idade média do pai é de 51 anos e a da mãe 48 anos. Todos responderam a esta pergunta.

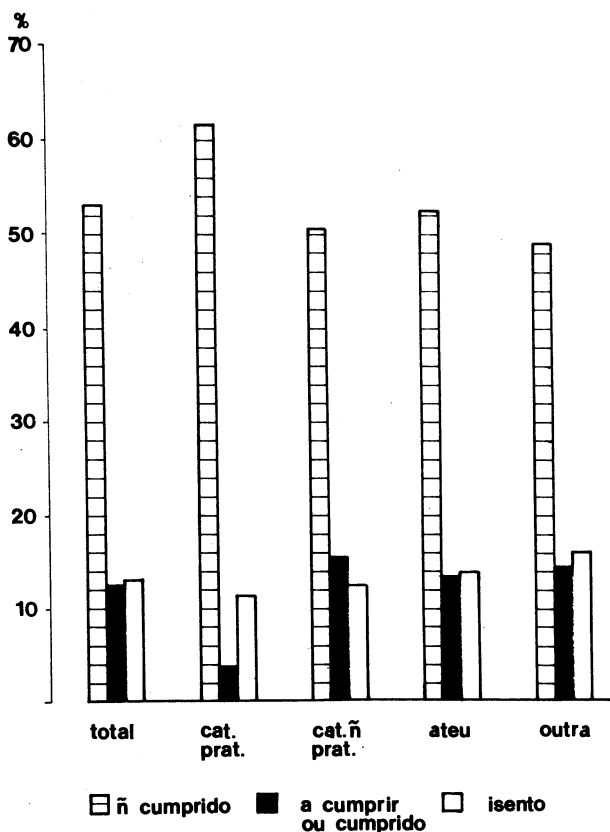
Quando comparamos estes dados com a posição perante a religião, a única são os que se declararam na posição *outra*, onde o número de *reformados* é muito superior à média (11% para 18,1%), verificando-se assim o envelhecimento dos pais deste grupo, como se verificou anteriormente. Serão os desiludidos do catolicismo que, com a idade, adoptam as seitas? Nota-se também que os que se declaram *ateus* têm os pais empregados em maior percentagem (75,8%), contra a média geral de 73,8%. Considerando a situação profissional da mãe e a posição perante a religião, nota-se que os *ateus* apresentam a percentagem mais elevada de mães *empregadas*, 37% contra 29,4%. O grupo dos *cat.* apresenta o maior número de *domésticas* — 64% contra a média de 61,7%. Os *ateus* só têm 53% de mães *domésticas*. A mãe *empregada de escritório* com menos de 45 anos parece coincidir muitas vezes com o filho *ateu*.

RAPAZES E SERVIÇO MILITAR

Considerando só o subconjunto dos rapazes, as posições relativamente ao serviço militar constam do quadro n.º 13.

Serviço militar e posição perante a religião

[GRÁFICO XVI]



Quanto à situação militar, os *cat. prat.* distinguem-se pela pouca adesão ao serviço militar à data do inquérito. Dos rapazes inquiridos, 15,4% já cumpriram ou estão a cumprir o serviço militar. Mas, se considerarmos o grupo dos *cat. prat.*, verificamos que só 4,7% estão nessa situação, contra 19,0% dos *cat. n. prat.* e de 16,6% de *ateus*. Quanto aos *isentos*, distribuem-

[QUADRO N.º 13]

Situação no serviço militar	Total (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Não cumprido	66,1	77,1	63,0	65,5	61,1
A cumprir ou cumprido.....	15,4	4,7	19,0	16,6	16,8
Isento	16,0	14,0	15,5	16,4	20,2

-se uniformemente pelas três primeiras posições, mas na *outra* excedem o valor da média, talvez por incidência de jovens ligados a grupos, tais como Testemunhas de Jeová, que recusam o serviço compulsivo militar (gráfico XVI).

EXPOSIÇÃO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A posição perante a religião, o estrato socioeconómico e o grau de habilitação escolar, entre outros, são factores que se relacionam com o modo como os jovens se expõem aos meios de comunicação social.

De modo global, diremos que os jovens portugueses dos 15 aos 24 anos evidenciam uma maior exposição aos grandes meios de comunicação de massa (TV e rádio) e uma menor exposição a meios que implicam menor passividade (jornais diários e semanários).

Estabelecendo uma pontuação, variando de 1 (mínimo) a 4 (máximo), obtivemos o seguinte posicionamento quanto ao índice de exposição:

Ver televisão, 3,72; ouvir rádio, 3,59; ler jornais diários, 2,50; ler jornais semanários, 2,12. A idade introduz variações na frequência de exposição dos jovens aos meios de comunicação social, como sugere o gráfico XVII.

O mesmo acontece com a posição perante a religião, que também determina aqui comportamentos diferenciados. Analisando cada um dos meios de comunicação, verificamos o seguinte:

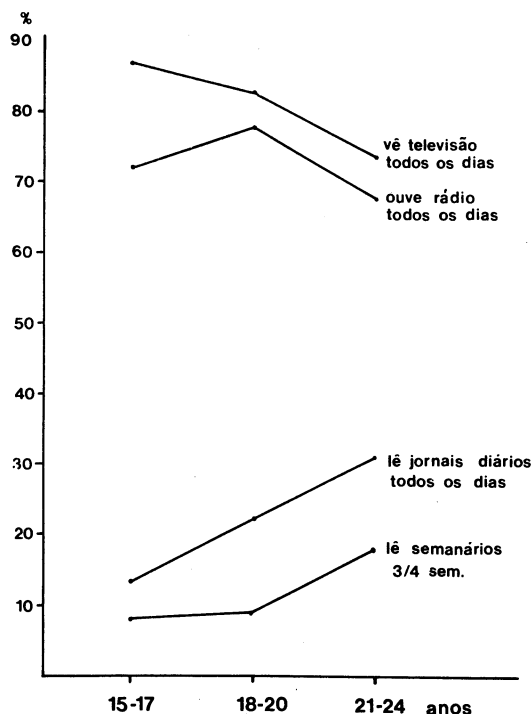
81% dos jovens dizem ver televisão todos os dias ou quase todos os dias e só 1% declararam que nunca viam. Mas também se verificou que quanto mais velhos menos televisão vêem. Assim, a evolução dos 15 aos 24 anos, e ao longo dos três escalões etários, é a seguinte: 87%, 83% e 74%. Os católicos (84%), quer os que praticam, quer os não praticantes, vêem mais televisão do que os ateus (77%), ou os que têm outra posição perante a religião (66%).

Ouvir rádio todos os dias, ou quase todos os dias, acontece a 72% dos jovens e só 2% nunca ouvem rádio. É no grupo dos 18-20 anos que a audiência diária da rádio atinge o seu máximo. Os católicos ouvem ligeiramente menos que os não católicos.

É na leitura dos jornais que se acentuam as clivagens. Assim, só 23% lêem jornais todos os dias ou quase e a leitura regular dos semanários só é feita por 12% dos jovens. E 21% declararam que nunca lêem jornais e 32% que nunca lêem semanários.

Exposição aos meios de comunicação social e grupos etários

[GRÁFICO XVII]



Os *cat. prat.* e os *ateus* têm tendência para ler menos os jornais diários. Só 18% contra os 23% da média nacional. Quanto à leitura dos semanários, cuja média nacional é de 12,2%, observa-se enorme discrepância entre os *cat. prat.* (7,1%) e os *cat. n. prat.* (9,5%), perante os *ateus* (21,1%) e *outra* (27%). À pergunta *nunca lêem* — média de resposta, 31,9% —, os *cat. prat.* sobressaem com 41,9% de resposta positiva ao *nunca lêem*.

A idade tem influência nos hábitos de leitura da imprensa por parte dos jovens. Quanto mais velhos, mais lêem. Os valores são, para os jornais diários, 13%, 22% e 31% e, para os semanários, 8%, 9% e 18%, conforme a evolução nos grupos etários. Também aqui se verifica que os 18-20 anos são um tempo de clivagens.

Concluindo, pode-se afirmar que os *cat. prat.* e os *cat. n. prat.* estão sobretudo expostos à televisão, lêem pouco os jornais diários, sobretudo os *cat. prat.*, ouvem rádio como os outros, mas são os que menos lêem os semanários.

Os *ateus* e os *outra* são os que menos vêem televisão e têm tendência para ouvir um pouco mais rádio do que a média. Não lêem jornais diários, mas são mais assíduos à leitura de semanários. Os *outra* acompanham o comportamento dos *ateus*, mas ainda se expõem menos à televisão e têm percentagens superiores na leitura dos semanários.

ESTRATO SOCIECONÓMICO

Já falámos várias vezes de estrato socioeconómico. Vejamos agora o que se quer dizer com isso.

Na determinação do estrato socioeconómico recorreu-se à escala de Warner, que, através de um sistema de pontuação, conjuga os seguintes elementos:

Instrução do chefe de família; profissão do chefe de família; rendimento mensal do agregado; forma de recebimento desse rendimento; tipo de casa em que vive; zona em que vive.

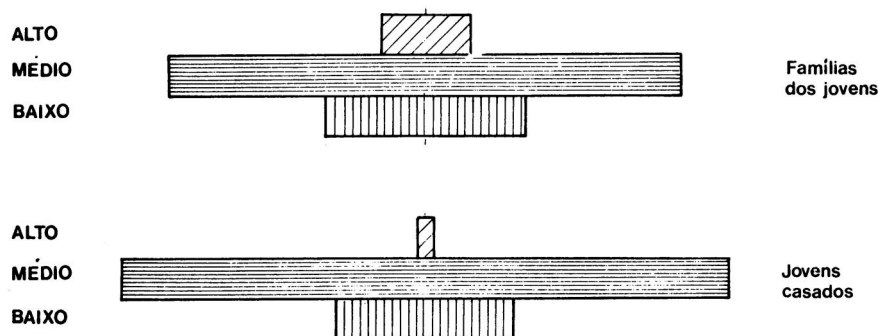
No caso dos indivíduos solteiros, o estrato socioeconómico determinado é o do agregado familiar de origem (dos pais). No caso dos casados ou vivendo juntos, o estrato socioeconómico é o do seu agregado familiar.

Pertencem ao estrato socioeconómico alto/médio 11% dos pais dos jovens solteiros, 64% ao médio e 25% ao baixo.

Nos jovens casados ou coabitando, a estratificação socioeconómica é a seguinte: 2% no estrato alto/médio, 76% no médio e 22% no baixo (gráfico XVIII).

Estrato socioeconómico

[GRÁFICO XVIII]



Nos jovens casados, o posicionamento no estrato médio domina mais fortemente do que na geração dos seus pais. Donde talvez se possa concluir que, ao estabelecer nova casa/casamento, o estrato socioeconómico dos jovens tem tendência para baixar.

A posição perante a religião introduz diferenças significativas quando se considera a distribuição dos jovens nos estratos socioeconómicos.

Numa primeira leitura dos dados obtidos façamos a análise a partir da composição de cada estrato (quadro n.º 14):

[QUADRO N.º 14]

Estratos	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Total cat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Alto/médio alto	34,8	39,2	74,0	11,5	14,5
Médio	24,0	51,9	75,9	14,5	9,5
Baixo	38,6	40,7	79,3	9,0	11,7

A primeira verificação é a de que, à medida que aumenta o nível do estrato social, diminui a identificação com o catolicismo; em segundo lugar, deve observar-se que os valores mais altos para os *ateus* se encontram no estrato *médio* e que, na posição *outra*, o valor mais elevado se situa no estrato *alto/médio alto*. Será que as condições económicas elevadas favorecem o pluralismo cultural?

No estrato *médio* observe-se a grande discrepância entre os *cat. prat.* e os *cat. n. prat.* Estes são quase o dobro daqueles.

Façamos agora a análise, comparando o modo como o total dos jovens se encontra estratificado no País com o modo como se dá essa estratificação no interior de cada subconjunto (quadro n.º 15):

[QUADRO N.º 15]

Estratos	Total (percentagem)	Cat. prat. (percentagem)	Cat. n. prat. (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Alto/médio alto	11,1	13,4	9,2	10,0	15,2
Médio	63,8	53,1	69,4	72,3	57,2
Baixo	25,1	33,5	21,4	17,6	27,6

Considerado em si mesmo, o grupo dos *cat. prat.* aparece acima da média nos estratos *alto* e *baixo*, e com maior diferença no *baixo* do que no *alto*, para o que deve concorrer o número elevado de praticantes da região rural norte. Nos *cat. n. prat.*, o estrato mais representado é o *médio*. Nos *ateus* acontece o mesmo, onde o valor é 13% superior à média nacional. No estrato *baixo*, a percentagem de *ateus* é 30% inferior à média nacional, enquanto no *alto* é equivalente à média nacional. Na *outra*, a maior diferença é no estrato *alto*, onde o seu valor excede a média nacional em 36%.

Nesta breve análise podemos concluir que o catolicismo é preferentemente praticado pelos jovens oriundos dos estratos *baixo* (+33%) e *alto* (+20%). O estrato *médio* é o meio familiar donde provêm maiores percentagens de *cat. n. prat.* e de *ateus*. Os jovens com *outra* posição provêm de estratos *alto* ou *baixo*, mas aqui o estrato *alto* vem em primeiro lugar.

INSERÇÃO FAMILIAR

A maioria dos jovens portugueses vivem com a família. Se 62% vivem com os pais, 1% vive só com o pai e 8% só com a mãe. Resulta que 71% vivem em família nuclear. A estes juntam-se 12% que vivem com família mais alargada e 7% vivem com familiares, mas não com os pais. Restam, a viver sozinhos, 2% (ou seja, cerca de 30 000 jovens), a viver com os amigos, outros tantos e, noutras situações, como lares, residências, etc., 7%.

A família alargada, isto é, a família que tem outros membros para além dos pais e filhos, mantém uma posição mais elevada nos *cat. prat.* Aliás, todo o conjunto de dados resultantes do cruzamento com a posição perante a religião atestam o lugar privilegiado que o viver em família mantém nos que se identificam com a prática do catolicismo (ver quadro n.º 16).

O viver isolado ou o viver com amigos crescem à medida que nos afastamos dos *cat. prat.* e avançamos para os *ateus* ou *outra*. A família tradicional, pais e família alargada, mantém uma boa posição nos *cat. prat.*

[QUADRO N.º 16]

Situação	Total de jovens (porcentagem)	Cat. prat. (porcentagem)	Cat. n. prat. (porcentagem)	Ateu (porcentagem)	Outra (porcentagem)
Vive com os pais	71	72,1	69,7	70,5	73,5
Família alargada	12	14,0	12,5	11,7	6,5
Total.....	83	86,1	82,2	82,2	80,0
Vive isolado	1,6	0,9	1,1	2,8	4,5
Vive com amigos	1,8	1,1	1,9	2,2	2,8

A EXISTÊNCIA DE IRMÃOS NOS CATÓLICOS

A família não é só o pai e a mãe, mas também os irmãos.

Quase todos os jovens têm irmãos — 84%. Há, todavia, cerca de 260 000 que não têm irmãos. Seria interessante conhecer em que escalões de idade se dá a predominância do filho único. Neste momento não se dispõe desse dado.

Mas sabemos que a região do Algarve, com 24% de jovens sem irmãos, e a região da Grande Lisboa, com 20% de jovens sem irmãos, estão sensivelmente acima da média nacional de jovens sem irmãos, que é de 16%. Em contrapartida, o Grande Porto tem 86% de respostas positivas à pergunta «*Tem irmãos?*»

A existência de irmãos do jovem inquirido, cujo valor na média nacional é de 84,1%, aumenta para os *cat. prat.* (86,7%) e baixa, sucessivamente, para os *cat. n. prat.* (84,4%), *ateus* (81,8%) e *outra* (76,9%). A prioridade dada à família tradicional e o casamento pela Igreja traduzem-se, efectivamente, em famílias com mais de um filho, em destaque nos *cat. prat.*

IDADE DO PAI E DA MÃE

Relativamente à idade do *pai* notam-se variações pouco significativas. Os jovens com pais de menos de 45 anos são 18%, em média nacional. No grupo dos *ateus*, esse valor sobe a 20%. Logo, os jovens que se declararam *ateus* têm tendência a ter pais mais novos. Em contrapartida, o grupo *outra* apresenta tendência a ter pais mais velhos. A média nacional é de 10,5% nos pais com mais de 60 anos, e esse grupo tem 15,9% de jovens com pais com idade superior a 60 anos.

Relativamente à idade da *mãe*, a tendência é para os *ateus* terem mães menos novas. No grupo dos menos de 45 anos, a média nacional é de 31,2% e o grupo dos *ateus* só atinge 27,4% e um número mais elevado de mães com mais de 60 anos — 9% aqui contra 5,8% na média nacional.

HABILITAÇÃO ESCOLAR DO PAI E DA MÃE

Os pais dos jovens que se declararam *cat. prat.* têm curso *superior* em percentagem ligeiramente superior à média (9,8%, contra 9,3%), mas, no *secundário*, esse valor é mais baixo — 15,4%, contra a média de 18%. No conjunto, o grupo dos *cat.* tem pais com nível de habilitação escolar mais baixo que a média nacional. Os *ateus* distinguem-se por terem pais com

habilitações escolares mais elevadas do que a média nacional. O mesmo acontece com a posição *outra* (ver quadro n.º 17):

[QUADRO N.º 17]

Habilitação escolar do pai	No total (percentagem)	Ateu (percentagem)	Outra (percentagem)
Secundário	18,0	18,2	22,2
Superior.	9,3	14,1	18,1

Donde se poderá concluir que a habilitação escolar do pai, quanto mais elevada for, mais coincide com a do jovem que se afasta do catolicismo. Exceptuando-se, nesta tendência, os pais com curso *superior* cujos filhos se declararam *cat. prat.*

As mesmas tendências se verificam no que diz respeito às habilitações escolares da mãe. Só que a clivagem entre o grupo dos *cat.* e dos *ateus* ainda é maior. No caso das habilitações do pai, a diferença era de 7 pontos e aqui é de 10.

Entre as mães dos *cat.*, 81% só têm o *primário* ou menos, enquanto nas mães dos *ateus* só 71% não ultrapassam esse nível de habilitação escolar.

PROFISSÃO DO PAI E DA MÃE

Quanto à profissão do pai, confirma-se a tendência para um grupo isolado de jovens no interior dos *cat.* que têm pais *quadro méd./sup.* O grupo dos *cat. prat.* tem menos *operários especializados* do que a média e também menos *operários não especializados*. Mas um valor muito alto de pais na *agricultura*, 18,1%, contra 10,8%, enquanto os jovens que se declaram *ateus* têm poucos pais a trabalhar no mundo rural, 5,8%, contra aquela média de 10,8%. Quanto à profissão da mãe, confirma-se a mesma tendência quanto ao grupo dos *cat. prat.* com curso *superior*. Quanto às mães *operárias especializadas e não especializadas*, aqui os valores dos *cat.* são ligeiramente superiores à média nacional. Os *ateus* sobressaem por terem uma elevada percentagem de mães *empregadas* de escritório — 43% contra 26%.

SÍNTESE

As variáveis estudadas correlacionam-se com o modo como os jovens, dos 15 aos 24 anos, se posicionam perante a religião. O *habitat* parece ser o factor mais determinante, operando uma clivagem acentuada entre o meio urbano e o meio rural. Como o fenómeno da urbanização do planeta parece irreversível, é de admitir que este seja o factor com maior impacto no futuro, dado que se verifica uma erosão constante da pertença ao catolicismo quando se passa do mundo rural para o mundo urbano.

A distinção entre sexos é significativa quando se observa a prática no interior do catolicismo, onde as mulheres dominam quanto ao número de praticantes.

As variações segundo a idade são mais esbatidas do que as anteriores, mas provam que o período dos 15 aos 24 anos é um período de alterações em vários sentidos nas atitudes dos jovens perante a religião.

Contudo, o grau de habilitação escolar é, de todas as variáveis analisadas na caracterização do jovem, aquela que introduz maiores variações na posição do jovem perante a religião. Se a falta de trabalho — o desemprego — é factor também importante na alteração da posição religiosa, as variações têm amplitudes mais fracas do que as relativas às habilitações escolares do jovem.

A entrada na vida activa profissional e o casamento não trazem alterações sensíveis, prolongando, de certa forma, os comportamentos anteriores. Diferenças maiores encontram-se nos vários modos de exposição aos meios de comunicação social de massa. As atitudes diversas dos diferentes tipos de comportamento religioso observados, quer em relação à televisão, quer em relação à leitura de semanários, confirmam a verificação já patente aquando da análise do grau de habilitação escolar, segundo a qual o nível cultural é o que tem maior impacte na posição do jovem. A religião aparece, assim, como facto de grande valência cultural.